

ARQUIBANCADAS GREMISTAS: PENSANDO A COLIGAY A PARTIR DO SEU ENTORNO

Luiza Aguiar dos Anjos¹

Recebido em: 29/05/2025

Aprovado em: 30/06/2025

Resumo: Este artigo analisa o contexto de surgimento e transformação das torcidas organizadas gremistas, com ênfase na compreensão do ambiente que possibilitou a criação e atuação da Coligay, torcida gay atuante na década de 1970. O objetivo é compreender como seu entorno, no ambiente das arquibancadas, viabilizou o surgimento de uma torcida que rompe com os padrões cisheteronormativos historicamente presentes no futebol. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em entrevistas com ex-integrantes de torcidas, dirigentes do clube e torcedores, além da análise de periódicos. A descrição feita demonstra semelhanças e diferenças do cenário porto-alegrense em comparação com a história das torcidas de Rio de Janeiro e São Paulo. Verifica-se que o Rio Grande do Sul vê multiplicar-se o número de torcidas e formar uma hegemonia das torcidas jovens mais tarde, após a extinção da Coligay. O contexto dos estádios que ela encontrou permitiu sua existência e mesmo o posterior acolhimento de seus ex-membros em outras TOs. A discussão revela a coexistência de diferentes perfis de torcidas — familiares, combativas, festivas — e destaca sua importância como espaços de sociabilidade heterogêneos e mais complexos no que se refere à relação com pessoas LGBTQIAPN+ do que o senso comum da rejeição generalizada supõe.

Palavras-chave: Futebol; Torcidas Organizadas; Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Coligay; Estádio.

GREMISTA STANDS: THINKING ABOUT COLIGAY FROM ITS SURROUNDINGS

Abstract This article analyzes the context of the emergence and transformation of organized Grêmio fan groups, with an emphasis on understanding the environment that enabled the creation and operation of Coligay, a gay fan group active in the 1970s. The objective is to understand how its surroundings, in the stands, enabled the emergence of a fan group that breaks with the cisheteronormative standards historically present in football. The research adopts a qualitative approach, based on interviews with former members of fan groups, club directors and fans, in addition to the analysis of periodicals. The description provided demonstrates similarities and differences between the Porto Alegre scenario and the history of fan groups in Rio de Janeiro and São Paulo. It can be seen that Rio Grande do Sul saw the number of fan groups multiply and a hegemony of young fan groups later, after the dissolution of Coligay.

¹ Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Educação Física do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – Campus Timóteo. Email: luiza.aguiar@cefetmg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4885-0763>.

The context of the stadiums it encountered allowed its existence and even the subsequent reception of its former members in other TOs. The discussion reveals the coexistence of different types of fan groups — family-oriented, combative, festive — and highlights their importance as heterogeneous and more complex spaces of sociability in terms of relationships with LGBTQIAPN+ people than the common sense of widespread rejection assumes.

Keywords: Football; Organized Fan Groups; Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Coligay; Stadium.

GRADAS DEL GREMIO: PENSANDO EN COLIGAY DESDE SU ENTORNO

Resumen: Este artículo analiza el contexto del surgimiento y transformación de las hinchadas organizadas del Gremio, con énfasis en la comprensión del entorno que posibilitó la creación y funcionamiento de Coligay, grupo de hinchas gays activo en la década de 1970. El objetivo es comprender cómo su entorno, en las gradas, posibilitó el surgimiento de una hinchada que rompe con los estándares cisheteronormativos históricamente presentes en el fútbol. La investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en entrevistas a ex-miembros de peñas, directivos de clubes y aficionados, así como en el análisis de publicaciones periódicas. La descripción realizada demuestra similitudes y diferencias entre el escenario de Porto Alegre en comparación con la historia de la afición en Río de Janeiro y São Paulo. Se puede observar que Rio Grande do Sul vio multiplicarse el número de hinchas y se formó una hegemonía de hinchas jóvenes más tarde, después de la extinción de Coligay. El contexto de los estadios en los que se encontraba permitió su existencia e incluso la posterior recepción de sus ex integrantes en otras TO. La discusión revela la coexistencia de distintos perfiles de fans —familiares, combativos, festivos— y destaca su importancia como espacios de sociabilidad heterogéneos y más complejos en las relaciones con las personas LGBTQIAPN+ de lo que supone el sentido común de rechazo generalizado.

Palabras clave: Fútbol; Clubes de fans organizados; Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Coligay; Estadio.

Introdução

As torcidas organizadas (TOs) são um dos temas que mais atraem pesquisadores/as que se debruçam sobre o futebol como fenômeno social (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Elas se constituem como formas de organização e manifestação coletiva de apoio a uma agremiação, mas também como espaços de sociabilidade, ampliando as vivências de doação e proximidade com o clube e com outros/as torcedores/as para além dos jogos. São também as protagonistas do espetáculo das arquibancadas, ao criar, iniciar e/ou coordenar a maioria dos gritos e cânticos proferidos ao longo dos jogos, produzirem e exporem a maior parte das faixas e bandeiras, distribuírem balões, papel picado, talco, apitos, entre outros materiais.

Em minha pesquisa de doutorado, analisei a história de uma torcida gremista, a Coligay. Fundada em 1977 e atuante até os primeiros anos da década seguinte, ela tem como grande

diferencial o fato de ser formada majoritariamente por homens identificados como gays e adotar uma performance torcedora que busca explicitar essa identificação.

No processo de compreender essa existência tão *sui generis*, foi fundamental analisar o contexto no qual ela estava inserida, o qual viabilizou um agrupamento que rompe com valores cisheteronormativos tão enfáticos no universo do futebol. Reconhecendo a emergência das TOs, assim como suas mudanças, como fenômenos históricos e localizados, não seria possível olhar para a Coligay sem observar seu entorno, as demais torcidas e torcedores/as gremistas daquele período.

Nesse texto, descrevo o fenômeno mais amplo de surgimento e transformações de agrupamentos de torcedores/as gremistas, fazendo eventuais menções à Coligay. Meu objetivo é, assim, descrever o processo de constituição desses grupos, caracterizar seus perfis e visibilizar esse ambiente futebolístico que por vezes resistiu, estranhou, mas também acolheu uma torcida gay.

Atenho-me, principalmente, às décadas de 1970 e 1980, quando a Coligay emerge e se extingue e muitos de seus integrantes entram em outras torcidas.² Como fontes, recorro, principalmente, a entrevistas com integrantes de torcidas organizadas do Grêmio, uma torcedora comum e o ex-presidente da agremiação Hélio Dourado. Utilizo, ainda, periódicos da época.

A conhecida história das torcidas de Rio de Janeiro e São Paulo

É comum entre os estudiosos do futebol fazer uma diferenciação entre dois modelos de torcidas: aquelas que emergem na década de 1940 e as que têm seus primeiros embriões no fim da década de 1960 (TEIXEIRA, 2003; TOLEDO 2000; HOLLANDA, 2009).

Os primeiros agrupamentos de torcedores/as a que se costuma fazer referência são a Torcida Uniformizada do São Paulo (SP) e a Charanga do Flamengo (RJ) (TOLEDO, 1996). A são-paulina teria surgido nos idos de 1930 e 1940, fundada por Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel, dois dirigentes do clube. A flamenguista, por sua vez, considera seu marco de fundação o ano de 1942, quando Jaime de Carvalho, já reconhecido como um dos “chefes” da torcida desde anos anteriores, mobilizou a confecção de uma faixa com o incentivo de “Avante, Flamengo!” para a decisão do Campeonato Carioca. A ideia se repetiu e acabou adotada por mais torcedores/as. A Charanga, que contava com uma orquestra musical para impulsionar os

² Em Anjos (2022), abordo também as décadas seguintes, o que considero pertinente para discutir a inexistência de uma torcida gay na atualidade e o processo de recente ressurgimento das memórias da Coligay (Bandeira, 2019).

jogadores, ainda inovou ao levar bandeiras à arquibancada e uniformizar seus integrantes com camisas similares às do time (HOLLANDA, 2012). O sucesso fez com que o clube passasse a financiar as despesas da torcida (TOLEDO, 1996). Versões análogas às pioneiras carioca e paulistana foram formadas ao redor do Brasil nos anos seguintes (TOLEDO, 2000; HOLLANDA, 2012).

Toledo (2002) resume duas funções coexistentes nesses agrupamentos: vigiar a conduta do/a torcedor/a comum e coordenar de maneira organizada o incentivo à equipe. A emergência de coletivos torcedores dotados de um caráter performático se via acompanhado, assim, de um projeto pedagógico de enquadramento moral dos/as frequentadores/as de estádios (TOLEDO, 2002). Essas primeiras agremiações eram formadas majoritariamente por jovens de classe média, muitos dos quais sócios dos clubes. A torcida animava e incentivava a equipe sob o acompanhamento musical e a orientação de um líder, possuidor de vínculos estreitos com o clube e com os meios de comunicação (HOLLANDA, 2009). Esses líderes são figuras centrais desses grupos, torcedores/as-símbolos que chegavam a personificar aquele coletivo (TOLEDO, 1996).

Até a década de 1960, essas agremiações se estabeleceram nas arquibancadas. Vinculadas e financiadas pelos clubes, eram tidas como “representantes oficiais dos torcedores”, cujos/as líderes se tornaram os/as principais interlocutores/as entre público e dirigentes, jogadores e repórteres (HOLLANDA, 2009; TOLEDO, 1996). Predominava o modelo de torcida unificado e de liderança centralizada – “um clube, uma associação de torcedores, um chefe” (HOLLANDA, 2012) e que tinha uma performance festiva, carnavalizada.

A busca da manutenção da ordem nas arenas esportivas estava no cerne do surgimento dessas torcidas uniformizadas. Diante da presença de multidões cada vez maiores nas praças esportivas, dirigentes, chefes de polícia, jornalistas e presidentes de federação demonstravam preocupação quanto ao comportamento das massas. Aquelas associações de torcedores/as contribuíam com o desejo de “incluir disciplina entre torcedores em suas horas de diversão nas praças de esporte, com a supressão das palavras de baixo-calão e a contenção dos distúrbios que volta e meia faziam ressurgir o espectro da turba também nos estádios” (HOLLANDA, 2012, p.92).

A esse modelo de torcida sucedeu aquele que pode ser entendido como o embrião das torcidas organizadas contemporâneas³. A virada acontece na transição da década de 1960 para 1970. A unidade interna das torcidas de cada time é rompida pela erupção de uma série de dissidências (HOLLANDA, 2009, 2012) e forma-se uma “modalidade de participação, nitidamente mais popular, contendora e mais autônoma” do que a anterior: as Torcidas Jovens (TOLEDO, 2002, p.254).

A constituição desses novos grupos pode ser vista como consequência de alterações contínuas na frequência, comportamento e perfil dos estádios, acompanhando transformações oriundas da sociedade, já observáveis no decorrer da segunda metade do século XX (HOLLANDA, 2009). Os primeiros agrupamentos aparecem no Rio de Janeiro e em São Paulo (HOLLANDA, 2009; TOLEDO, 1996). Para Hollanda (2009) e tratava-se de núcleos de arregimentação juvenil em meio a outras manifestações oriundas da “crise de gerações” que no Brasil e no mundo associavam-se principalmente ao espírito de liberdade e rebeldia. Ocorre aí uma mudança nas torcidas: “da carnavalesco (anos 1930, 1940, 1950) para a juvenilização (anos 1960, 1970, 1980)” (HOLLANDA, 2012, p.113).

Para além da maior homogeneidade do perfil etário, o ponto central de diferenciação das Torcidas Jovens era a inclusão de manifestações de protesto e crítica em períodos de crise da equipe, facilitada pela ausência de vínculos diretos com os dirigentes. A postura desses agrupamentos se relaciona com a conjuntura, sob vigência de um governo militar, com cerceamento às liberdades de expressão e participação política. Na formação desses grupos, a busca por autonomia frente aos clubes e às lideranças tradicionais das torcidas, foi impulsionada por motivações extradesportivas relacionadas àquele momento político em que eram limitados os espaços possíveis de engajamento juvenil (TEIXEIRA, 2003; HOLLANDA, 2009).

Após o primeiro impulso dissidente localizado no biênio 1967-1968, Hollanda (2009) verifica no Rio de Janeiro um “boom de associações torcedoras”. Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, mesmo sob críticas e manifestações de repúdio, também foram criadas torcidas formadas exclusivamente por mulheres em diversos clubes, num fenômeno desestabilizador ao status quo masculino do futebol (HOLLANDA, 2009; FLORENZANO, 2017).

Essas novas agremiações se consolidam ao longo das décadas de 1980 e 1990 (TOLEDO, 1996; TEIXEIRA, 2003), “assumindo um aspecto cada vez mais profissional,

³ Atualmente, muitos clubes também possuem torcidas com formas de organização e manifestação diferentes, inspiradas em torcidas latino-americanas, que podem ser denominadas como “barras”, “torcidas de alento” (RODRIGUES, 2012) ou “movimentos populares” (MENEZES, 2017; TEIXEIRA, 2013).

ganhando visibilidade enquanto empresas pautadas por uma organização interna e projetos comuns que norteiam suas ações. O caráter empresarial dessas agremiações é valorizado pelos torcedores como uma condição a ser consolidada” (TEIXEIRA, 2003, p.54-55).

Ao longo desse processo, verifica-se também uma crescente masculinização das arquibancadas, tanto pela redução do público de mulheres como pela crescente exaltação de valores viris (FERREIRA, 2017). Nas Torcidas Jovens, a virilidade se expressava em lemas, bandeiras, mascotes, músicas com referências à guerra, ao universo militar, ao perigo e à morte, e a personagens famosos por sua força e bravura (TEIXEIRA, 2003). Belicosidade também manifesta em confrontos físicos, com brigas e tumultos cada vez mais recorrentes e graves a partir dos anos 1980. Uma série de episódios impactantes – pelo número e a gravidade de feridos, bem como de mortes –, alguns captados por câmeras e divulgados, fez da violência no futebol um objeto de especial preocupação da sociedade. A militarização seria outra das características verificadas nas emergentes TOs (MURAD, 2017; HOLLANDA, 2012; FERREIRA, 2017).⁴

Tendo feito um panorama das torcidas brasileiras centrado em trabalhos sobre grupos do Rio de Janeiro e São Paulo, passo agora ao que encontrei sobre os agrupamentos porto-alegrenses e, em especial, os gremistas.

A não tão conhecida história das torcidas de Porto Alegre

Os dados de minha pesquisa indicam que, em Porto Alegre, o processo de constituição dessas torcidas organizadas teve semelhanças ao processo pioneiro de Rio e São Paulo, mas também destoa por algumas especificidades.

Acompanhando a dinâmica disciplinar dos primeiros agrupamentos torcedores, em meados da década de 1940, o Grêmio criou o Departamento do Torcedor Gremista (DTG), a quem cabia garantir o entusiasmo dos/as torcedores/as, organizar as excursões para jogos fora de Porto Alegre e paramentar a torcida com faixas, foguetes e instrumentos (DUARTE, 2012). Oficialmente coordenado por Francisco Mainieri, foi Salin Nigri, que inicialmente atuava na biblioteca do clube, quem, de fato, o comandava. O DTG surgiu em resposta ao Departamento de Cooperação e Propaganda Colorada, do rival Internacional, criado em 1940, por Vicente Rao

⁴ Cabe trazer, todavia a ressalva de Lopes (2016) para quem imprensa, polícia e dirigentes esportivos, de forma predominante, tomaram as TOs como as únicas responsáveis pelo quadro de crescente violência no futebol, representadas como a “encarnação da maldade”, vilões irracionais que ameaçam suas vítimas inocentes e pacíficas: o/a torcedor/a comum, a família, o/a consumidor/a, a sociedade.

– que, posteriormente, seria um dos fundadores da Camisa 12, notória torcida organizada do clube, até hoje presente nas arquibancadas (DUARTE, 2012).

A efetivação de Salin Nigri no DTG ocorreu após ele se destacar ao organizar a excursão para um amistoso em Novo Hamburgo, em 1945 (DAMO, 1998). De forma surpreendente, os/as gremistas lotaram dezoito vagões de trem. Então com 19 anos, o bibliotecário, já interessado em maior autonomia para organizar os/as torcedores/as, conseguiu o que queria. Todavia, pelo receio do clube de entregar um cargo de tamanha responsabilidade a alguém tão jovem, Francisco Maineri foi colocado como “seu chefe”.

Nigri foi figura fundamental para a carnavalescação da torcida gremista, inserindo faixas e foguetes à festa tricolor (DAMO, 1998). Providenciou também a produção da faixa com a frase “Com o Grêmio, onde estiver o Grêmio”⁵, que, com a sutil mudança na ordem das palavras finais, posteriormente seria imortalizada no hino do cinquentenário do clube, além de utilizar nas faixas e bandeiras a imagem do recém-criado Mosqueteiro⁶, figura que tornar-se-ia uma das mascotes do clube (DAMO, 1998; DUARTE, 2012).

Aquela que é considerada a primeira torcida do Grêmio é a Eurico Lara, uma espécie de sucessora do DTG. Constituída como um departamento do clube sob a direção geral de José Dantur Buaes, tinha a função de “comando e orientação da torcida” (TORCIDA..., 1973, p.24). Estava organizada em três setores, cada um gerido por um supervisor que liderava um conjunto de colaboradores: Setor de Faixas e Bandeiras, Setor de Letras⁷ e Setor de Papel Picado. Além dos integrantes de cada setor, Buaes tinha sob sua liderança um subdiretor e oito assessores diretos. A atuação da equipe era norteada por um regulamento pautado nos elementos “disciplina, trabalho intenso, deveres e, acima de tudo, gremismo” (*idem*, 1973, p.25).

Segundo matéria da Revista do Grêmio, publicada em 1973, as atividades a que se dedicavam eram distribuídas ao longo da semana⁸. Na segunda-feira, produziam um relatório acerca das atividades empreendidas pelo Departamento na semana anterior; na terça-feira, reunião geral; na quarta-feira, reunião de sua ala feminina, grupo que não participava das atividades do setor junto à torcida, possuindo atividades específicas; na quinta-feira, os

⁵ Damo (1998) destaca que a autoria do slogan é fruto de controvérsias, havendo quem atribua-a ao dirigente gremista Alfredo Obino.

⁶ O símbolo do Mosqueteiro em referência ao Grêmio foi uma criação do chargista Pompeu no jornal Folha da Tarde, em 1946 (DAMO, 1998; DUARTE, 2012).

⁷ As letras a que esse setor remete são placas com letras seguradas cada uma por um torcedor a fim de formar palavras e, em seguida, frases de apoio ao time.

⁸ Diferente do que retrata a Revista do Grêmio, o integrante Gerson relata que os encontros do grupo se concentravam nos sábados, quando preparavam as bandeiras, o papel picado, os apitos, entre outros materiais que usavam, além de se divertirem. É possível, contudo, que os encontros diários reunissem apenas os membros da diretoria.

membros se encontravam na sede apenas por diversão, para jogarem pingue-pongue, xadrez, dama, minisnoquer, futebol de mesa e futebol de salão; por fim, na sexta-feira e no sábado, preparavam-se para o jogo de domingo: “separação das bandeiras e faixas, a preparação do papel picado, das buzinas, das letras, dos apetrechos, e tudo o mais que entra no rol muito longo de objetos utilizados para motivar a torcida nas competições” (TORCIDA..., 1973, p.25).

Os integrantes da Eurico Lara eram meninos, em sua maioria menores de idade e no segundo grau⁹. A disciplina rígida imperava. A manutenção de um grupo ordeiro começava pela seleção de novos integrantes, apenas mediante indicações e envolvendo uma espécie de avaliação do candidato. Deveriam, ainda, ser autorizados pelos/as responsáveis legais a compor o grupo, apresentando seus boletins escolares mensalmente, além de cumprir uma série de normas (FONSECA, 1977), como ilustram alguns relatos de Gerson (VIEIRA, 2017), um de seus antigos integrantes:

Tu não podia aprontar muito, sabe? Não podia aprontar muito. Tu tinha que andar na linha, era meio um colégio, assim. Tem que ir aos sábados de tarde, tem que voltar, tem que chegar no estádio tal hora, tinha que colocar aquelas bandeiras lá pra cima [...] tu não podia xingar muito nome, xingar o cara “oh, filho da puta”, aquela coisa toda, não podia brigar... (p.5-6).

Tais exigências eram apresentadas como necessárias por ser aquela uma torcida institucional do Grêmio, que representava o clube, portanto. E, para garantir o cumprimento dessas normas, José Buaes sempre acompanhava os garotos nas partidas e demais atividades. O ex-presidente gremista, Hélio Dourado, justificou tal rigidez: “toda a torcida que é do clube, aquela que é a torcida, ela é comandada, então evita uma série de coisas erradas, pois se tu deixares a torcida só pela torcida, essas que enche o estádio, tu vê o que acontece. Pedrada, briga, uma loucura” (DOURADO, 2015, p.7). Ele conta que Buaes era uma grande comandante e que a Eurico Lara foi “uma torcida muito gritante, mas isso no jogo. Era muito obediente, inclusive” (DOURADO, 2015, p.6. Ênfase do entrevistado).

No Estádio Olímpico, ficavam na parte central do campo, separados dos/as demais por uma corda que os cercava. Para entrar e sair da área da torcida era preciso pedir autorização do funcionário responsável. Os integrantes deveriam, também, chegar em horário pré-determinado, horas antes do início da partida, para se organizarem (VIEIRA, 2017). Por outro lado, havia os atrativos: gratuidade no ingresso e no transporte para duelos fora de casa, carteira de identificação da torcida, camisetas, além de o Departamento eventualmente promover jantares, churrascos e outras festividades. Como conta o torcedor egresso: “Tudo que um

⁹ Atual Ensino Médio.

adolescente gostaria, ali tinha, toda a estrutura. Tu só entrava com o corpo. Era muito bom!” (VIEIRA, 2017, p.3).

[...] passava a tarde de sábado lá fazendo papel picado, tinha salinha de jogos, pingue-pongue, *snooker*¹⁰, ai ficava dançando, aí liberavam o [campo] suplementar pra gente jogar bola no final da tarde. Então tudo isso encantava, né? (VIEIRA, 2017, p.6).

Ainda que de forma incipiente, se comparado ao que existe atualmente, a Eurico Lara já ajudava quaisquer torcedores/as a reconhecerem os/as seus/suas, contribuindo para estimular o apoio à equipe em campo. Uma buzina é lembrada por muitos/as torcedores/as, que enfatizam seu som alto – “em qualquer parte que o Grêmio fosse estava lá aquela buzina, que era bem chata [riso], mas era bacana. Eu me lembro dela com saudades” (COSTA, 2017, p.3) –, além de funcionar a gás, o que demandava transportar a todos os jogos também um botijão (RODRIGUES, 2017). Outra marca da torcida é a faixa “Com o Grêmio onde estiver o Grêmio” criada pelo DTG, mas que a Eurico Lara continuava a utilizar, visível no fundo da imagem abaixo:

Figura 1 - Torcida Eurico Lara em jogo do Grêmio



Fonte: Revista do Grêmio (1973).

Era tão marcante a faixa, porque não tinha faixa, bandeira, charanga, não tinha tanto assim. Na minha época, que eu frequentei, não tinha aquilo, tu ia à campo de futebol, tu escutava radinho, aí o pessoal gritava, mas era diferente. E aí a Eurico Lara botava a faixa, tinha uns tamborzinho, fazia um barulho diferente. E aí tu sabia que ali estava a torcida do Grêmio, foi uma forma de identificar a torcida do Grêmio. Então foi um embrião de torcida organizada, eu acho... (FORESTI, 2015, p.3-4)

¹⁰ Sinuca, em inglês.

Como lembrado pela gremista Rosa, a Eurico Lara possuía também uma bateria, elemento implantado pelo grupo que futuramente formaria a TO dissidente Força Azul, entre os quais o ex-Coligay, Careca (RODRIGUES, 2017). Seus ensaios ocorriam nos encontros de sábado, tocando basicamente sambas. Segundo Gerson, não criavam músicas e cânticos próprios, recorrendo a composições de clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, substituindo o nome da equipe em questão por “Grêmio” (VIEIRA, 2017).

A caracterização da Eurico Lara indica sua proximidade ao modelo das torcidas uniformizadas das primeiras décadas do século XX, marcadas pelo vínculo com o clube, pela importância e referência atribuída a seus líderes e pela atuação ordeira e, ao mesmo tempo, disciplinada e disciplinadora. E é a partir da dissidência previamente mencionada, a Força Azul, que o novo modelo de participação das TOs, mais popular e questionador, começa a se formar nas arquibancadas gremistas.

Merece um destaque especial o setor mais novo do Departamento Eurico Lara. Nascida de um movimento espontâneo, a ideia ganhou corpo e a partir de um detalhado estudo a Força Azul foi oficializada. Num coquetel, realizado no dia primeiro de agosto, o Departamento Eurico Lara prestou significativa homenagem ao jogador Loivo, fazendo-o padrinho do novo movimento. A Força Azul destaca-se pela cor, pois a ideia principal do movimento é colorir, com as cores do clube, todos os estádios que o Grêmio estiver (A ALEGRE..., 1975, p.26).

Considerando o texto em questão, que retrata sua constituição como um setor da Eurico Lara, a Força Azul parece compactuar com o burocrático *modus operandi* da torcida que a acolhe: para a concretização de sua formação foi submetida a um detalhado estudo, sua oficialização foi anunciada em um coquetel, e foi apadrinhada por um atleta com longa trajetória no clube. Ademais, o sentido da constituição do grupo é atrelado a questões estéticas: colorir os estádios por onde o Grêmio estiver.

Não se sabe se desde sua origem os integrantes da Força Azul já mostravam insatisfações com a gestão do Departamento Eurico Lara, mas certo é que, algum tempo depois desse registro, as regras de comportamento ali impostas (FONSECA, 1977; GERCHMANN, 2014) e a impossibilidade de se manifestarem contra a direção do clube (RODRIGUES, 2017) motivaram esses jovens a se emanciparem, formando a primeira torcida organizada independente do Grêmio.

Entre os fundadores da Força Azul, em 1974, estava um dos futuros integrantes da Coligay, Careca. Além dele, vários outros membros da torcida gay gremista também vieram a participar dessa TO em diferentes momentos (BUENO, 1977; CARMO DOS SANTOS, 2015; CUNHA, 2017; RODRIGUES, 2017).

Em seus primórdios, tal qual na Eurico Lara, a Força Azul exigia uma indicação por um integrante para entrar no agrupamento. Mantinha registros dos membros, exigindo que os ingressantes apresentassem identidade e foto, além de uma bandeira do Grêmio (VIEIRA, 2017). As primeiras reuniões ocorreram na casa de uma integrante, onde também eram guardados os materiais. Mas diante do apoio na arquibancada, o Grêmio acabou cedendo uma sala no Olímpico, ainda que bastante inferior à da Eurico Lara (VIEIRA, 2017, p.3).

É nesse contexto, no ano de 1977, que emerge a Coligay. Antecede, portanto, um movimento mais amplo de formação de novos agrupamentos de torcedores/as. O número de TOs gremistas ainda era baixo, como pôde ser constatado, por exemplo, no desfile de comemoração do título estadual no Olímpico, em outubro de 1977 que contou apenas com Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Gre-Puc (QUINTA-FEIRA..., 1977; SANTANA, 1977b) e em charge na Zero Hora, de 1978:

Figura 2 - Registro do jornal Zero Hora sobre o número de torcidas organizadas de clubes do Rio de Janeiro



Fonte: Zero Hora (1978).

Na capital gaúcha, é só na década seguinte que torcidas desvinculadas aos clubes começaram a surgir em maior número. No Gre-Nal disputado em julho de 1981, notava-se tal

processo, com o registro de oito torcidas gremistas e onze do arquirrival.¹¹ Ainda assim bastante distante do “boom de associações torcedoras” no Rio de Janeiro no fim da década de 1960 (HOLLANDA, 2009).

Além do momento de surgimento e de sua quantidade, identifiquei nas torcidas organizadas porto-alegrenses características dos grupos e modos de organização que também parecem distinguir-se dos agrupamentos cariocas e paulistas. Focarei nos gremistas, mas pontuo que também o Internacional, em período similar, viu emergir diversas TOs, assim como clubes do interior do estado, casos de São Paulo (Rio Grande), Caxias (Caxias do Sul), Internacional (Santa Maria) e Brasil (Pelotas) e mesmo equipes de menor expressão da capital, como Cruzeiro e São José¹².

Como dito, em Porto Alegre, foi a partir do início da década de 1980 que mais torcidas organizadas passaram a ser criadas, tanto com predomínio de jovens, quanto de um perfil mais familiar, no qual há pessoas de idades variadas e com uma presença grande de mulheres. Nas torcidas do Grêmio, o vínculo com o clube se mantinha a partir de um suporte do Departamento Eurico Lara que, de torcida única, veio a tornar-se o setor responsável pelos novos agrupamentos¹³. Dentro do Estádio Olímpico ficavam as salas das maiores TOs que surgiram nesse período, numa maior proximidade entre torcida e clube¹⁴. Além disso, o clube subsidiava (integral ou parcialmente) as entradas nas partidas e o transporte em jogos fora de casa (BERTOTTO, 2017; CALOGHERO, 2017; COSTA, 2017; VIEIRA, 2015; RIVAS, 2015; ROCHA, 2017; TORCIDAS... (2), 1996) e, por vezes, contribuiu com dinheiro para a compra de materiais como camisetas, bambus, faixas etc (CARMO DOS SANTOS, 2015).¹⁵

A vinculação ao departamento impunha uma série de prestação de contas: informações como lista de integrantes (com nome, endereço, onde estudava ou trabalhava etc), finalidade da torcida, se faria cobranças de mensalidade, entre outros (RIVAS, 2015). Havia também normas

¹¹ Até o final da década de 1970, pelas fontes consultadas, chegaram a ser fundadas dez torcidas do Grêmio: além da Eurico Lara (torcida vinculada ao clube), havia Força Azul (fundada em 1974), Coligay (fundada em 1977), Torcida Jovem (fundada em 1977), Gre-Puc (fundação desconhecida), Camisa 12 (fundação desconhecida), Império Azul (fundação desconhecida) e Fiel Terremoto Tricolor, união da Fiel Tricolor e da Terremoto (todas fundadas em 1979). Já no Internacional, foram fundadas seis TOs: Camisa 12 (fundada em 1969), A F.I.CO. – Força Independente Colorada (fundada em 1977), Dragões Rubros (fundada em 1978), Inter Jovem (fundação desconhecida), Falcão Povão (fundada em 1979) e Falcão Grande do Sul (fundada em 1979).

¹² Cito aqueles clubes cuja participação de suas TOs tenha sido mencionada em minhas fontes, notadamente no jornal Zero Hora, tendo ciência da possível existência de outras.

¹³ Já em 1978, a Zero Hora menciona que o Departamento Eurico Lara “congrega as torcidas organizadas gremistas” (AS TORCIDAS..., 1978b, p.68). Contudo, é apenas na década seguinte que, diante do maior número de TOs, sua atuação passa a centrar-se na mediação e apoio junto às associações de torcedores.

¹⁴ TOs de outras cidades também dispuseram de salas em estádios, as quais eram ocupadas e utilizadas de formas variadas.

¹⁵ As entrevistas indicam variações no que era oferecido para as torcidas organizadas em diferentes momentos. Além disso, mesmo as torcidas independentes tiveram algumas formas de apoio.

de conduta e, regularmente, quando eram convocadas reuniões, para organizar, por exemplo, a logística dos ônibus para viagens, era recorrente a cobrança do bom comportamento e alerta para possíveis consequências: “as pessoas falavam demais a questão de ‘olha, não vamos fazer confusão, é o nome do Grêmio, do Departamento, isso depois vai pra mídia, a gente é punido, o Grêmio corta ônibus, corta dinheiro’” (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.16). As novatas precisavam demonstrar seu valor nas arquibancadas antes de pleitear a inclusão. Diante do apoio oferecido, logo que podiam, as TOs costumavam optar pelo vínculo (BERTOTTO, 2017). Cabe pontuar que o Departamento Eurico Lara também promovia ações voltadas aos/as torcedores/as comuns e ao público em geral, como excursões, para as quais a venda era aberta, e festas em comemoração de títulos, por exemplo (GRANDE..., 1977; DOURADO, 2015).

Entre as torcidas gremistas que emergiram nesse período, aquelas que mais cresceram e tiveram trajetórias duradouras, ativas até ao menos meados da década de 1990, Torcida Jovem, Super Raça Gremista, Garra Tricolor e Máquina Tricolor. Havia também aquelas formadas por poucos integrantes, algumas identificadas por uma só faixa, sem bateria ou bandeiras, como Leão e Leão II, Leoas do Olímpico, João Severiano e Sangue Azul, lembradas pelo gremista Paulo (BERTOTTO, 2017). Luiz Heitor também se recorda da Sangue Azul, “que era os meninos ricos lá do Grêmio, filhos de sócios e tal [...] não eram muitos, eram acho que uns vinte” (COSTA, 2017, p.7). Destaco ainda a Torcida Independente Gremista, também conhecida como TIGRE, criada no início da década de 1980 por um grupo de gremistas da cidade de Canoas, que, segundo Vô Vida Loka, um de seus fundadores, foi a primeira de fora da capital (WEDMAN, 2016, p.2).

Entre as TOs de grande porte, a mais antiga é a Torcida Jovem, fundada em outubro de 1977 por uma turma de amigos que se conheceu no Estádio Olímpico (TORCIDAS... (1), 1996). Nos primeiros anos, se resumia a um grupo pequeno, muito menos numeroso do que as demais torcidas (TORCIDAS... (1), 1996; COSTA, 2017). Em 1978, a Zero Hora já destacava seu potencial: “Ainda são poucos, mas tem o essencial para melhorarem: dinamismo (não param nunca) e criatividade (as bandeiras são muito bonitas)” (AS TORCIDAS ORGANIZADAS, 1978, p.55). Em 1979, reivindicaram uma sala no Olímpico, tal qual possuíam Força Azul e Coligay (A “TORCIDA JOVEM”..., 1979). Nos anos seguintes, junto ao surgimento e ampliação de outros agrupamentos, a torcida incorpora mais integrantes, cresce e ganha maior notoriedade entre gremistas (MENEGOTTO, 2011).

A Super Raça Gremista, mais comumente chamada apenas de Raça, estreou de forma independente em 1981. Um de seus fundadores, Bobis menciona que seu surgimento se relaciona com um processo anterior de dissidência da Torcida Jovem. Parte dos integrantes da

Jovem, entre os quais ele estava, se juntaram a outras torcidas para criar a Real Torcida Jovem (COSTA, 2017). Paulo, que propôs e liderou essa iniciativa junto ao ex-Coligay Miltinho, afirma que a intenção era formar uma torcida única (BERTOTTO, 2017), mais forte politicamente junto ao Grêmio (COSTA, 2017). Vários outros ex-componentes da Coligay também compuseram a Real, entre os/as quais Joanita, Elton e Beto (VIEIRA, 2015; COSTA 2017; BERTOTTO, 2017), que naquele momento faziam parte da Explosão Azul (BERTOTTO, 2017).

Logo na estreia da nova torcida, contudo, viram que a ideia não teve aceitação de todos/as:

A ideia era todas as torcidas que estavam voltando naquele ônibus, fossem dissolvidas e formassem uma única torcida. Daí eu disse “a única imposição que eu coloco...”, porque na época a Jovem era a maior de todas, “é que no nome da torcida, tem que ter torcida Jovem”. Daí a ideia foi ficar Real Torcida Jovem [...] Todas eram para ser extintas. E aí aconteceu o que? Aí no dia que a gente inaugurou a torcida, que fundou, primeiro jogo foi em Novo Hamburgo, se não me engano, fomos para lá, aí estávamos nós, que éramos a Real Torcida Jovem, e daqui a pouco entrou o pessoal da Jovem com faixa e bandeira, tudo. Então ficou as duas, né? E aí começou aquele problema, tinha a Real Torcida e a Torcida Jovem, e assim foi aquela confusão (BERTOTTO, 2017, p.2).

Paulo menciona que poucos – entre doze e quinze – insistiram na manutenção da Torcida Jovem, a maioria integrantes antigos/as da agremiação. Todavia, com um nome quase idêntico, as ações de uma eram confundidas com os feitos da outra. Diante disso, veio a proposta para que o nome da torcida fosse paulatinamente substituído por “Super Raça Gremista”:

[...] “vamos manter a Real Torcida Jovem e vamos dar um nome para a gente trabalhar em cima, para mudar com o passar do tempo”. Então a ideia foi assim, “então tá, vai ser a ‘Real Torcida Jovem, a Super Raça Gremista’”. Era essa a ideia, tu forçar aquele nome Super Raça Gremista (BERTOTTO, 2017, p.2).

Miltinho era um dos/as contrários/as à proposta. Para decidirem o que, enfim, seria feito, marcaram uma reunião. Paulo relembra que, nesse encontro, também estavam Beto e Elton, enfatizando a participação ativa deles na torcida. A discussão se estendeu até as três da madrugada sem que o grupo chegasse a um consenso. No dia seguinte, nas arquibancadas do Olímpico, antes de começar uma partida, treze torcedores de diferentes organizadas, muitos dos quais membros da Real, decidiram, então, fundar uma nova torcida: a Super Raça Gremista (BERTOTTO, 2017). Paulo relata que isso gerou um distanciamento entre ele e Miltinho, que permaneceu como líder da Real Torcida Jovem.

Mantiveram-se com Miltinho na Real todos/as os/as ex-componentes da Coligay citados anteriormente, além de futuramente se juntarem a eles/as outros homossexuais gremistas que os/as integrantes convidavam. Serginho, também ex-Coligay, era um deles. Apesar de não ter

integrado a torcida oficialmente, frequentava os jogos junto do grupo por ter vários/as amigos/as ali. Segundo ele, a Real “era torcida também de muitas gargalhadas e purpurinas, mas não era uma torcida gay. Isso na cabeça deles, né? Porque era [riso]” (CUNHA, 2017, p.15).

Para Cleber (VIEIRA, 2017), ex-integrante da Garra, a Real era uma espécie de continuidade da Coligay, ainda que não uma torcida exclusivamente (ou afirmadamente) de gays: “Não, ali já era mais misto o negócio. Já era mais misto, já tinham os dois” (VIEIRA, 2015, p.6). Quando perguntei acerca da performance dessa torcida, se tinham um tom caricato similar ao da Coligay, ele afirmou que “tinha também, tinha também. Até os enfeites que eles colocavam, tipo prateados e tal, balões, o jeito que eles enfeitavam a parte deles era diferente” (*ibidem*, p.6). Ele se lembra ainda que a torcida tinha como um de seus cânticos uma adaptação da música Realce, de Gilberto Gil: “eles cantavam ‘Real, Real, quanto mais purpurina melhor. Real, Real com gol do Newmar e do Baltazar, que beleza’”. Era muito engraçado, os caras eram muito bons” (*ibidem*, p.2). A música de Gil também foi citada pela Zero Hora como uma das canções entoadas por torcedores/as gremistas que recepcionaram os jogadores no aeroporto Salgado Filho, em 1981 (ENQUANTO..., 1981). Reiterando o protagonismo de homossexuais na Real, em 1982, as eleições internas da torcida tinham dois ex-integrantes da Coligay na disputa: Milton, na chapa 1, e Elton, na chapa 2 (REAL ELEGE, 1982).

A Real continuou em atividade por alguns anos¹⁶, sendo citada na Zero Hora até 1983, quando encerro minha coleta nos periódicos. Nas imagens, contudo, não identifiquei faixas e bandeiras suas e, entre meus entrevistados, quando eu perguntava sobre as TOs gremistas da década de 1980, muitas vezes foi esquecida, indicando que pode não ter alcançado a grandiosidade e/ou a longevidade de suas contemporâneas.

O processo relatado que, ao fim, deu origem à Real e à Raça são representativos do momento que viviam os/as torcedores/as do Grêmio. Havia diversas pessoas interessadas em compor torcidas, mas com expectativas, disponibilidade e projetos de participação diferentes, fazendo com que muitas TOs criadas estivessem suscetíveis à extinção, assim como a possibilidade de constituição de um novo grupo se apresentava como uma alternativa a torcedores/as insatisfeitos. A desmobilização que levou ao fim da Coligay esteve longe de ser, assim, um caso raro. Esse fenômeno não era, também uma particularidade gaúcha. Episódios similares de fusões, dissoluções e dissidências também ocorreram no contexto de emergência

¹⁶ Pessoas que colaboraram com meu trabalho não souberam informar até quando a torcida esteve ativa. Em minha pesquisa no jornal Zero Hora, de 1977 a 1983, sua presença é noticiada do surgimento (1981) até o fim do recorte (1983).

das Torcidas Jovens cariocas (TEIXEIRA, 2003; HOLLANDA, 2009) e, possivelmente, também em outras cidades brasileiras.

Em Porto Alegre, até mesmo a tradicional Força Azul chegou a ser dissolvida em 1983 (APELO, 1983; IDEIAS, 1983), em função da saída de algumas antigas lideranças e disputas de poder entre os que permaneceram (RODRIGUES, 2017; CUNHA, 2017). O grupo, contudo, acaba retornando ainda na mesma década, por iniciativa de um antigo integrante (CUNHA, 2017), reunindo principalmente torcedores/as na faixa de quarenta a cinquenta anos (CARMO DOS SANTOS, 2015). Presente na volta, estavam Serginho e Miltinho, antigos integrantes da Coligay.

É um dos integrantes da “primeira fase” da Força Azul, o responsável pela fundação de outra notória TO gremista, a Garra Tricolor. Luis Carlos Dal Pai saiu daquela TO por discordar de vantagens e benefícios que certos membros da torcida obtinham (RIVAS, 2015) e, em 1982, mobilizou um grupo de jovens para a fundação da nova agremiação.

ele [Luiz Carlos Dal Pai] pegava aquela gurizada, assim, que tinha o compromisso no sentido de apoiar o time na hora que precisava, quando convocado ir lá, como te disse, pra picar papel, ajeitar uma bandeira... E ele dava preferência pra gurizada que já tava no processo de trabalhar e estudar (RIVAS, 2015, p.5).

Por fim, a última das maiores e mais duradouras TOs gremistas a ser fundada foi a Máquina Tricolor, formada em 1982 (TORCIDAS... (3), 1996; ROCHA, 2017). Uma iniciativa de Careca, torcedor que já tinha passado pela Eurico Lara, Força Azul e Coligay. O grupo era constituído de frequentadores do tradicional Bar do Ramon (RODRIGUES, 2017; TORCIDAS... (3), 1996) e lembrada pelos/as gremistas como a “torcida família”, perfil forjado em sua formação inicial e mantido ao longo de sua trajetória (ROCHA, 2017; RODRIGUES, 2017; TORCIDAS... (3), 1996) e que traduzia em seu modo de torcer:

Tu tinha que ser mais light, tu tinha que maneirar... Pegar o pessoal, chamar para maneirar com o palavreado porque tinha muitas pessoas, senhoras idosas, que levavam suas filhas. Por mais que, de repente, uma ou outra se soltasse um pouquinho mais, mas tu tinha que respeitar” (ROCHA, 2017, p.13).

A orientação evidencia como a presença das famílias cria a demanda por certo controle de expressões vistas como desrespeitosas, fato também notado na pesquisa de Bandeira (2019).

Segundo Luiz, que presidiu a Máquina por 14 anos, a torcida “não era a maior do Grêmio, mas era a mais unida, a mais presente em todos os sentidos” (ROCHA, 2017, p.4). Sinal da união entre aqueles/as que integraram o agrupamento são, mesmo com a extinção em 2000, as festas de reencontro e uma página de *Facebook* em que compartilham fotos antigas do grupo em ação e de seus encontros e conteúdos sobre o Grêmio (ROCHA, 2017).

Mesmo ciente da heterogeneidade dentro de cada torcida, os relatos acerca das características das TOs gremistas indicam uma distinção maior entre dois grupos, como sintetizado nos relatos de André Carmo dos Santos, da Força Azul:

A Força Azul era muito parecida com a Máquina, eram torcidas mais familiares, porque tinha pai, tinha mãe, tinha tio, núcleos da mesma família, gremistas que faziam parte da mesma torcida. A Jovem, a Garra e a Raça eram diferentes (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.7).

A Jovem e a Garra tinham uma característica muito parecida, eles eram guris, uma gurizada, nos erámos de idades próximas, mas eles eram um pouco mais velhos que eu, então eu devia ter uns 13, 14, entrei com 12 eu acho, e eles 19, 18, 17, 20, 21, mas era uma gurizada assim que era da arruaça, gostava de uma bagunça. Eu percebo que eles saiam juntos em festas, gostavam de arrumar uma confusão, já eram uns caras que gostavam de cantar as gurias nos estádios, as poucas que iam, então a Jovem tinha esse perfil e a Garra também, era um perfil muito próximo. (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.11)

A lembrança de Pancho, ex-integrante da Garra, coaduna a impressão de André:

Havia três torcidas bem identificadas que era a torcida Jovem, a Raça Tricolor e a Garra. E as nossas camisetas eram pretas a gente usava uma camiseta de linha. Um calor, um calor, um calor! Quente! Na época se usava essas malhas. A Jovem eram camisetas brancas e a Raça era azul. Isso era uma coisa bem definida. E tinha aquela coisa de adolescente, parecia que eu tava em uma ganguezinha, a gente estava em um mesmo ideal sabe? Claro, era o futebol? Era... E havia Gre-Nais que muitos iam para brigas e eu já não ia para brigas, eu era bem pelo contrário, a gente ia para harmonizar, tinha um grupo que ia para harmonizar e outro grupo que ia pra procurar confusão, principalmente no Beira Rio (RIVAS, 2015, p.3).

As brigas não estavam entre as motivações nos relatos dos primórdios das TOs gremistas, quando Eurico Lara, Força Azul e Coligay eram os principais grupos. Mas mesmo entre esses novos agrupamentos, apesar do reconhecimento da ocorrência regular de confrontos entre torcedores/as rivais, é consensual entre meus/minhas entrevistados/as que eram de pequena gravidade, sobretudo quando comparados aos dias atuais:

Tu ia no Beira-Rio, tu ia no estádio adversário, né? Então tu tinha que redobrar os cuidados, cuidar dos materiais, tomar conta, se preocupar com a torcida rival, claro, por mais que nós somos adversários, a violência era muito menor naquela época, então ficava tudo muito no campo da especulação, do místico, “a torcida deles, cuidado, cuida dos materiais eles são perigosos”. Não tinha perigo nenhum [riso] no frigir dor ovos, ninguém ia te matar, ninguém ia te bater, eram só provocações basicamente (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.5, ênfase do entrevistado).

Era mais pelo pessoal que tava alcoolizado “que que tá olhando?”, “que que houve”, “senta aí”, aquela coisa “senta aí”, “não gostou, sai”, aquela coisa, “olha o mijão” e jogava mesmo [riso]. Enchiam os copinhos e jogavam mesmo. Então era isso aí, mas era uma coisa assim do jogo, mas nada de tu formar grupinhos, ganguezinhas, marcar um encontro pra se... Isso aí nunca houve. Eu andava tranquilo, eu andava tranquilo. Eu podia ir num Gre-Nal com a camisa do Grêmio no Beira-Rio (RIVAS, 2015, p.2).

Integrantes de diferentes TOs relatam um convívio predominantemente harmonioso entre torcidas gremistas e coloradas. Gerson conta que era comum integrantes da Eurico Lara se juntarem a membros das coloradas FICO¹⁷ e Camisa 12¹⁸ para jogarem futebol antes das partidas no Beira-Rio. Careca acrescenta que havia “a consideração de uma torcida com a outra... quando havia festa de aniversário de uma torcida vinha sempre representante deles, na nossa casa, como nós íamos na casa deles, e era sempre respeitado” (RODRIGUES, 2017, p.5), sendo que alguns desses encontros foram noticiados na Zero Hora (A BOA..., 1982, p.46; PARABÉNS, 1982, p.40).

Luiz, da Máquina, lembra do hábito de muitos líderes de TOs de diferentes estados e até de fora do Brasil de se corresponderem por cartas. Eram formas de divulgar cada um o seu grupo, assim como compartilhar informações de seu cotidiano. Rendeu amizades duradouras com outros/as torcedores/as. Muitos ainda se falam com regularidade por meio de um grupo de Whatsapp denominado “Elite das Cartas”.

No que tange à sua rotina, as torcidas gremistas seguiam ritmos similares. Aos sábados encontravam-se em suas respectivas salas no Olímpico para pintar faixas, bandeiras, picar papel, organizar os instrumentos, entre outras tarefas que envolviam a preparação para os dias de jogos. Como supracitado, eram momentos de confraternização, em que faziam almoços, churrascos, pipoca, disputavam jogos de pingue-pongue, futebol de prego, futebol etc. Eram comuns os jantares na residência de componentes e, em datas de aniversário, comemorações, geralmente na Churrascaria Ovelhão, no pátio interno do estádio gremista (PARABÉNS..., 1982; UM ANO..., 1982; BAIXADA, 1982). Eventualmente recebiam a delegação ou uma nova contratação no aeroporto. Buscavam ainda estender sua presença às partidas das categorias de base e outros esportes (GRE-NAL..., 1979; FESTA..., 1982; MOBILIZAÇÃO, 1982). Em partidas fora de Porto Alegre, compartilhavam ônibus cedidos pelo Departamento Eurico Lara (RIVAS, 2015; VIEIRA, 2015 COSTA, 2017; VIEIRA, 2017).

Além das salas no Olímpico, próximas umas das outras, essas atividades colocavam as torcidas em contato quase que constante. Um convívio que se estendia para além dos jogos.

no início dos anos 90, as torcidas organizadas do Grêmio eram muito pequenas. Então tu conhecias todo mundo que era de todo o Departamento Eurico Lara: da Torcida Jovem, da Garra, da Raça, da Máquina, da Força Azul, não chegava a pegar o tempo da Coligay, eles são anteriores, mas era uma grande família. Tinha uma família menor dentro da tua própria torcida, mas tu conhecias todas as torcidas, todas as pessoas. Por jogo, a torcida que tinha mais gente botava cem pessoas, então não tinha como tu não conhecer esse universo (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.3).

¹⁷ Torcida Força Independente Colorada

¹⁸ Torcida Organizada Camisa 12

Ainda que predominantemente amistosa, a relação entre as TOs gremistas envivia também rivalidade, pautada na busca do reconhecimento de sua supremacia qualitativa (a melhor, mais bonita, mais animada) e/ou quantitativa (a maior, com mais bandeiras, mais instrumentos de bateria):

Uma vez teve um Gre-Nal no Beira Rio que nós brigamos entre nós pelo melhor espaço para colocar uma faixa e eu me lembro que os colorados começaram a rir da nossa cara e viramos “porra, cara, olha o que nós estamos fazendo, nós estamos brigando entre nós” (RIVAS, 2015, p.5)

[...] quem era maior, quem cantava mais e aquilo pegava. Então, se uma torcida tivesse, na época, muito superior às outras, as outras se juntavam contra ela no campo. (ROCHA, 2017, p.7)

De forma similar, Hollanda (2009) menciona como consenso, integração e amizade, de um lado, e conflito, inimizade e confrontamentos, de outro, atravessavam as experiências das TOs cariocas.

Sinal de que os conflitos vivenciados pelos/as gremistas não eram de grandes proporções é o fato de muitos/as participantes dessas TOs recentemente terem se mobilizado para promover o “Encontro da Velha Guarda do Grêmio” (BERTOTTO, 2017; ROCHA, 2017). Realizam novas edições periodicamente e mantêm o diálogo por meio de um grupo de *Whatsapp*.

A Coligay não participou desse circuito de relações. O que, pela minha análise, pode ser justificado por dois motivos. Primeiro, por uma questão temporal. Minhas fontes indicam que essa torcida tenha interrompido suas atividades entre o fim de 1979 e o decorrer de 1980, retornando por alguns meses em 1983, com outra composição e forma de atuação (ANJOS, 2022). Segundo, pela restrição de momentos de possíveis encontros com outros grupos. No que tange ao convívio nas salas no Olímpico, apesar da Coligay também possuir uma, esse era um espaço utilizado meramente para o armazenamento de materiais, não envolvendo atividades de sociabilidade, como ocorria com as demais torcidas. Ela também não frequentava o Olímpico aos sábados, quando as TOs se reuniam para se preparar para as partidas, nem compartilhavam ônibus cedidos pelo Grêmio em jogos fora da capital gaúcha, fazendo sua própria excursão. Por fim, sem vínculo com o Departamento Eurico Lara, não ia às reuniões.

Ao longo da década de 1980, as ações promovidas para e por TOs se multiplicavam, incentivando a permanência e o ingresso nesses grupos, além de alimentar tanto a interação quanto a competitividade. Torcidas gremistas e coloradas organizaram competições para a melhor caravana do interior (REAL TORCEDOR, 1982), para as bandeiras maiores, mais

bonitas e mais originais (BANDEIRAS, 1982) e para os destaques esportivos do ano (FICO, 1983), além de jogos de futebol entre as TOs coloradas (EFICÊNCIA, 1983). Em 1983, o Departamento Eurico Lara lançou um concurso de torcidas organizadas, no qual concorriam suas maiores agremiações: Super Raça Gremista, Garra, Torcida Jovem, Máquina Tricolor e Real Torcida Jovem. Os critérios da disputa eram visual, ritmo, harmonia, comportamento geral e número de componentes (CONCURSO..., 1983). Paulo, integrante da Raça, conta que o concurso os motivou a se empenharem ainda mais no espetáculo que produziam, o que os levou ao título de todas as edições promovidas (“teve três ou quatro”, ele lembra) (BERTOTTO, 2017, p.13).

As torcidas também buscaram se articular no âmbito político dos clubes. Nos momentos de eleição presidencial ou do Conselho, a maioria manifestava suas preferências e fazia campanha por seus candidatos. Em 1978, na disputa entre Hélio Dourado e Nelson Olmedo, tanto Coligay quanto Força Azul estavam na sede do Grêmio acompanhando a apuração e torcendo pela continuidade de Dourado no cargo, o que veio a ocorrer (AS TORCIDAS..., 1978). Em 1981, as TOs se dividiram: a Real apoiava Rafael Bandeira dos Santos, candidato da situação; Raça e Jovem estavam com o oposicionista Fábio Koff. A Força Azul optou por não se posicionar. A notícia da Zero Hora registrava ainda que, caso Rafael vencesse, a “antiga Coligay” voltaria aos campos (TORCIDA..., 1981). O esforço da Real, sob a liderança de Miltinho, para o sucesso de Rafael foi expressivo: 100 visitas a conselheiros em busca de votos, faixas, panfletos e camisetas com o rosto do candidato, abaixo-assinado e concentração no pórtico do Olímpico no dia da eleição. Apesar disso, Koff foi o vencedor do pleito.

Também houve ações de articulação entre as torcidas organizadas. Em setembro de 1979, realizou-se um Congresso de Torcidas Organizadas em Curitiba (AS TORCIDAS..., 1979)¹⁹. Em 1981, Grêmio e Internacional sediaram, cada um na sua vez, a Convenção Estadual de Torcidas Organizadas do Rio Grande do Sul (TORCIDAS ORGANIZADAS..., 1981; TORCIDAS, 1981). Entre os temas tratados na primeira edição, a Zero Hora destacou “a violência nas torcidas, o policiamento nos estádios de futebol, a presença das mulheres e as formas de manifestação das torcidas organizadas” (TORCIDAS ORGANIZADAS..., 1981, p.24). Consensualmente, os/as representantes das TOs argumentaram que a violência partia dos/as torcedores/as comuns, que teriam menor consciência para lidar com situações de conflito e rivalidade. Para eles, era necessário que os grupos organizados servissem de exemplo e conscientização aos/as demais.

¹⁹ Na ocasião, marcou-se um Congresso Nacional para março do ano seguinte, em São Paulo, sobre o qual não encontrei informações.

A constituição de fóruns de diálogo entre as TOs interessadas especialmente em pautar o tema da violência também se fez presente em outros estados brasileiros em período similar: em 1976, criou-se a pioneira Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP) (CANALE, 2012) e, em 1981, a Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ) (HOLLANDA, 2009). Não pude identificar se, além dos eventos citados, ocorreu no Rio Grande do Sul a constituição de Associações desse tipo.

Ao longo do tempo, as torcidas gaúchas foram se modificando e, sobretudo, crescendo. Mesmo que existisse o desejo de manter certas normas do grupo, o controle quanto ao ingresso de novos membros que existia na Eurico Lara e nos primórdios da Força Azul acabou extinto. Todas as TOs, buscando ser “a maior torcida do Grêmio”, tornaram a entrada de novos/as integrantes aberta a qualquer interessado/a, inclusive divulgando recorrentemente nos jornais informações referentes ao processo de inscrições.

Associar-se a uma torcida significava economia para alguém que fosse frequentar regularmente os jogos do Grêmio. Isso porque, geralmente, as TOs cobravam um determinado valor de mensalidade (lembrado por quem entrevistei como baixo), e tinham gratuidade ou desconto no ingresso. Assim, muitos dos/as registrados/as como sócios não se envolviam de forma efetiva na torcida, associando-se apenas nos momentos em que tinham maior interesse de acompanhar as partidas. Paulo rememora a situação vivida como integrante da Torcida Jovem no Campeonato Brasileiro de 1981: “em todos os jogos a gente colocava vinte, trinta componentes para os jogos, que era o máximo da torcida, aí chegava na final chegava a seiscentos” (BERTOTTO, 2017, p.16-17).

Independentemente dessas presenças efêmeras, o notório crescimento das TOs especialmente ao longo da década de 1990²⁰ exigiu ainda mais organização, coletivamente debatidas por meio de reuniões regulares. Os grupos passaram a prestar contas, votar para presidente e construir estatutos para determinar direitos e deveres de seus componentes (BERTOTTO, 2017).

Paulo, da Raça, lembra que especialmente após o título da Libertadores de 1995, a torcida teve um sensível aumento, chegando a reunir quatro a cinco mil pessoas em uma partida.

A torcida deu um “boom” e aí um ano, dois anos depois, eles alugaram uma casa na Rua Dona Otília, que é o cruzamento com a entrada ali do Grêmio, ali na [Avenida] José de Alencar. E aí alugaram uma casa ali, e aí a torcida realmente inchou, mas no

²⁰ Com o intuito de ilustrar esse aumento, cito o número de membros mencionado pelas TOs em matérias dedicadas a elas, publicadas nos anos de 1996 e 1997, na Revista Nação Tricolor: Torcida Jovem, 2.997 sócios, sendo 800 atuantes; Garra Tricolor, 1.200 inscritos, sendo 300 frequentadores; Máquina, 140 integrantes, com média de 70 pessoas por jogo; Super Raça Gremista, 1.500 componentes atuantes²⁰ (TORCIDAS... (1), (2), (3), 1996; TORCIDAS... (1), (2), 1997).

meu ponto de vista ela cresceu, mas ela foi crescendo para os lados e o miolo foi quebrando, foi se desmanchando, porque era muita gente. Então, faziam muita coisa errada na volta ali, briga, roubar camisa, começou assim, rixa entre torcidas e estragou. Acabou com a torcida foi isso aí, quando saiu para fora do estádio (BERTOTTO, 2017, p.7).

Naquele momento a torcida passou a contratar instrumentistas para a bateria, em vez de os próprios integrantes desempenharem a função (BERTOTTO, 2017). O que Paulo interpretou como negativo, sinal de desvinculação dos/as integrantes às práticas que lhes conferem valor e que servem de prova de dedicação ao Grêmio. Outros/as antigos integrantes dessas TOs também demonstraram que o crescimento e desenvolvimento organizacional das agremiações não agradou a todos/as:

Na época [década de 1980] era uma coisa nova. Bah! Tu dizer que era de torcida organizada era uma coisa bacana, [...] não tinha briga, era todo mundo mais amigo, minha mãe costurava bandeira, era coisa mais no amor mesmo, né? Não tinha esse jogo de interesse. Depois eu acho que o futebol ficou muito profissionalizado e as torcidas também começaram a ficar mais profissionalizadas também (VIEIRA, 2015, p.4).

Além desses apontamentos, apesar da gestão das TOs, nesse momento, adotar um modelo empresarial e democrático, contando com estatutos, estrutura burocrática e eleições regulares, havia a perpetuação de certos/as torcedores/as no poder, constantes suspeitas de corrupção e favorecimento pessoal de algumas lideranças (RODRIGUES, 2012). Ocorriam, ainda, disputas entre suas subdivisões regionais, vinculadas a bairros, vilas ou cidades que compõem a Grande Porto Alegre.

Também na década de 1990 acirraram-se os episódios de violência protagonizados pelas TOs, sobretudo pelas torcidas Jovem e Raça, as maiores naquele momento. O final dessa década foi de especial dificuldade para tais agrupamentos, diante das medidas tomadas contra eles, justificadas pela responsabilização que lhes era atribuída no quadro crescente de violência. É nesse contexto de crise das organizadas gremistas que, em 2001, surge nas arquibancadas do Olímpico um novo modo de mobilização torcedora: a Geral do Grêmio. Com a proposta de mobilizar-se de maneira informal – sem cadastros, carteirinhas, camisas de identificação, estatutos, atas – e autônoma – não prestariam contas ao Grêmio, nem dele receberiam subsídios (RODRIGUES, 2012)²¹ e com forte e declarada inspiração das *hinchadas* argentinas, com o princípio do apoio ininterrupto durante toda a partida, por meio de gritos e cânticos chamados

²¹ Com o tempo, a torcida cresceu e tornou-se hegemônica e, a despeito da ausência de uma burocracia característica das TOs, com sede, estatutos, registro de associação, presidente, diretores, a Geral optou por adotar certa institucionalização que a aproxima (ainda que não a iguale) do modelo do qual buscou em algum momento se diferenciar (RODRIGUES, 2012).

de alentos e o uso de trapos (RODRIGUES, 2012), trouxe muitas inovações ao torcer. Todavia, mantém o endosso à masculinidade cisheteronormativa, frequentemente machista e LGBTfóbica presente nos grupos hegemônicos que a antecederam.

Por outro lado, apesar da notável imposição performática da Geral nas arquibancadas gremistas, agrupamentos menores também estavam e estão presentes, entre os quais a Tribuna 77, criada em 2012, no contexto de transferência da casa tricolor para a Arena Grêmio. É um movimento que tem como pautas principais a luta pela “redemocratização dos espaços de futebol, o resgate e a manutenção do patrimônio histórico e cultural do clube e o combate a todos os tipos de preconceitos” (BALZANO; MUNSBERG; SILVA, 2018, p.5).

As posições divergentes da Geral e da Tribuna sobre a pauta da participação de pessoas LGBTQIAPN+ nas arquibancadas gremistas²² se inserem em um contexto social, político e cultural bastante distinto do que vivenciou a Coligay. Uma pauta complexa que excede os limites de discussão possíveis nesse texto.

Considerações finais

Nesse texto, busquei descrever, ainda que de forma panorâmica, o universo das TOs gremistas, contextualizando sua emergência, caracterizando o perfil de seus/suas integrantes, retratando suas relações e rotinas. Destaquei como há diversas semelhanças ao que se observa sobre os agrupamentos torcedores pioneiros do Rio de Janeiro e São Paulo, os quais são mais amplamente retratados na Academia, mas como também há especificidades locais, as quais viabilizaram a emergência da Coligay e o posterior acolhimento de seus ex-integrantes em suas fileiras. Ao longo da escrita, busquei pontuar esses encontros e atravessamentos com a Coligay. Embora eu pouco tenha me aprofundado na torcida gay gremista, a intenção foi justamente compreender o entorno em que essa improvável torcida esteve em atividade.

Referências Bibliográficas

- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay.** Santos, SP: Dolores Editora, 2022.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-14, 2021.

²² Sobre o posicionamento da Tribuna 77 em relação à rememoração da Coligay e apoio à participação de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol ver Anjos (2021)

- BALZANO, Otávio Nogueira; MUNSBERG, João Alberto Steffen; SILVA, Gilberto Ferreira da. **Futebol como ferramenta e estratégia descolonial: contribuições “outras”**. In: SEMANA CIENTÍFICA DA UNILASALLE – SEFIC, 19., 2018, Canoas (RS). Anais [...]. Canoas (RS): Editora Unilasalle, 2018.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris, 2019.
- CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 123-138, set./out./nov. 2013.
- CANALE, Vítor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normativas do torcer**. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2012.
- DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- DUARTE, Vinícius Vidor. **Notícias que vêm da arquibancada: a popularização do Grêmio FBPA expressa nas páginas do Correio do Povo (1933-1946)**. 2012. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FERREIRA, Fernando da Costa. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã**. 2017. 437 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FLORENZANO, José Paulo. República dos torcedores. **Ludopédio**, São Paulo, v. 96, n. 8, s.p., 2017.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA,

- João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A torcida brasileira.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro: dominação e resistência. *Athenea Digital*, v. 16, n. 2, p. 89-113, 2016.
- MENDES, Bárbara Gonçalves. **Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras: A inserção de mulheres em uma Torcida Organizada de Belo Horizonte/MG.** 2015. 178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- MENEGOTTO, Francine Morim. Que rosa nada, elas usam é azul! Um estudo sobre a participação de mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. 2011. 61f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- MENEZES, Isabella Trindade. **Entre a Fúria e a Loucura: análise de duas formas de torcer pelo Botafogo de Futebol e Regatas.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- MURAD, Maurício. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas.** 2. ed. São Paulo: Benvirá, 2017.
- RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento: a torcida geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização.** 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas.** São Paulo: Annablume, 2003.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 8, n. 21, mar. 2013.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional.** 2000. 341 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Fontes orais

- BERTOTTO, Paulo Gilberto. **Depoimento de Paulo Gilberto Bertotto:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

CARMO DOS SANTOS, André Luís. **Depoimento de André Luís Carmo dos Santos:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

CUNHA, Sérgio Luiz. **Depoimento de Sérgio Luiz Cunha (Serginho):** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

DOURADO, Hélio. **Depoimento de Hélio Dourado:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

FORESTI, Rosa. **Depoimento de Rosa Foresti:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RIVAS, Francisco Jackson. **Depoimento de Francisco Jackson Rivas (Pancho):** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

ROCHA, Luiz Afonso Oliveira da. **Depoimento de Luiz Afonso Oliveira da Rocha:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

RODRIGUES, Osmar Dziekaniaki. **Depoimento de Osmar Dziekaniaki Rodrigues:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

VIEIRA, Cleber Luiz de Almeida. **Depoimento de Cleber Luiz de Almeida Vieira:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

VIEIRA, Gerson Luiz de Almeida. **Depoimento de Gerson Luiz de Almeida Vieira:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

Periódicos

AS TORCIDAS organizadas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.55, 24 jul. 1978.

AS TORCIDAS... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38, 03 set. 1979.

BANDEIRAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.44, 24 ago. 1982.

CONCURSO de torcidas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 07 mai. 1983.

EFICIÊNCIA. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 24 mai. 1983.

ENQUANTO isso, no aeroporto. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.44, 02 set. 1981.

FICO. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 22 abr. 1983.

FONSECA, Divino. Para o que der e vier. **Placar**, n.370, p.48-50, 27 mai. 1977.

GRANDE excursão a Pelotas. **Folha da Manhã**, Porto Alegre, p.31, 26 abr. 1977.

REAL ELEGE. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 11 dez. 1982.

REAL TORCEDOR. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38, 11 jan. 1982.

TORCIDA faz abaixo-assinado a favor da situação. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.50, 17 dez. 1981.

TORCIDAS Organizadas: Torcida Jovem. **Nação Tricolor**, v.1, n.2, p.42-43, 1996.

TORCIDAS Organizadas: Garra Tricolor. **Nação Tricolor**, v.1, n.3, p.42-43, 1996.

TORCIDAS Organizadas: Máquina Tricolor. **Nação Tricolor**, v.1, n.4, p.42-43, 1996.

TORCIDAS Organizadas. **Nação Tricolor**, v.1, n.5, p.42-43, 1997.

TORCIDAS Organizadas: Nós somos a Garra do Grêmio! **Nação Tricolor**, v.1, n.8, p.42-43, 1997.

TORCIDA gremista tem patrono: Eurico Lara. **Revista do Grêmio**, v.18, n.66, jul./ago. 1973.

TORCIDAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 16 out. 1981.